

Nos paradoxos da linguagem: relatos sobre futebol e sexualidades

In the paradoxes of language:
narratives about football and sexualities

Wagner Xavier de Camargo

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Antropologia Social, UFSCar
wagnerx@unicamp.br

RESUMO: Texto ensaístico, que aborda o futebol sob a ótica pessoal do autor, tecendo sarcasmos sobre este universo na inter-relação entre homo e heterossexualidades.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Globalização; Gênero; Sexualidade; Linguagem.

ABSTRACT: An essay that addresses football from the author's personal perspective and that weaves a touch of sarcasm about this universe in the interrelationship between homo and heterosexuality.

KEYWORDS: Football; Globalization; Gender; Sexuality; Language.

Vou linguar seu cu, juiz filho da puta!

Arquibancada de um estádio, 2019.

A ideia de escrever este ensaio veio do resgate da lembrança deste grito, ouvido de um torcedor irrequieto e falante, na arquibancada do Allianz Parque, durante um jogo de futebol tenso entre Palmeiras e Corinthians, num sábado à tarde, em novembro de 2019. Um lance duvidoso gerou este protesto inusitado, proferido próximo a mim, e que me deixou alguns minutos absorto em relação ao jogo e pensando no xingamento.

A primeira questão que me veio à mente foi pensar em como a língua passada no ânus do árbitro poderia ser um insulto? E se o árbitro não se importasse com o ato? Ou se seu ânus estivesse suado e cheirando a fezes, será que mesmo assim o torcedor enfurecido o lamberia? E ainda: diante do xingamento, e se o oficial se incomodasse mais com a ofensa à sua mãe chamada de puta, do que com a ação de alguém dizendo que o lamberia?

Sem entrar no mérito filosófico do porquê se xinga em estádios de futebol, passei a outro nível de indagação, qual seja, o por que o ânus foi acionado tão violentamente, naquele lugar que, aparentemente, não teria nada a ver com esta parte íntima. E concluí rapidamente que estava enganado. A região anal de um homem tem tudo a ver com o futebol e, por isso, haveria xingamentos recorrentes para que árbitros fossem “tomar no cu”.

O ânus é o lugar sagrado da masculinidade, um local intocável, que nem o próprio homem manipula. Quando muito, sua companheira (ficante, namorada ou, quiçá, a esposa) é autorizada a passar ali o dedo. Mas não a irem muito fundo com ele, é verdade. Passar a língua lá, então nem pensar. Vai que isso cause um tesão incontável e o pequeno gesto faça algum homem virar a casaca, mudar de orientação.

A língua no ânus de um homem heterossexual, portanto, seria uma ofensa sem tamanho. Aliás, duplamente inimaginável: primeiro porque necessitaria adentrar uma região sagrada e intocada; e segundo, no caso do árbitro em questão, porque para isso ele deveria estar de quatro apoios, algo considerado humilhante para

qualquer homem (árbitro ou não) de posse de sua masculinidade heterossexual e viril. No entanto, deixemos isso de lado. Quero focar na língua e no futebol.

Muito se discute sobre o futebol ser uma linguagem universal, uma língua global entre os povos, do Oriente e Ocidente, dos hemisférios Sul e Norte, dos países pobres e ricos. Talvez ele seja, de fato. Não só seus códigos e regras, os estilos e modos de jogo, e sim o que está entranhado nele, ou o que ele carrega sem saber.

Se entendermos *universal* como *comum*, a situação é bastante clara, pois parece que a história é sempre a mesma. Os xingamentos atingem a todos, a todo tempo. E começam cedo, independente de classe social, condição econômica, escolaridade ou qualquer outro indicador. Nem bem a criança (entenda-se um menino) nasceu e seu pai lhe designa um time pelo qual vai torcer e profetiza: “esse vai ser palmeirense/atleticano/esmeraldino, não um ‘filho da puta’ qualquer!”. Os nomes de times aqui podem ser substituídos por quaisquer outros; e os adjetivos (des)qualificatórios também.

As meninas ganham status de torcedoras por seus pais quando não há saída: no famigerado chá de revelação o balão explodido soltou fumaça rosa; no nascimento do primogênito não veio o esperado varão; nas tentativas posteriores, o pai “fraquejou” – para lembrar uma deplorável expressão de um ex-presidente brasileiro. Todas essas, situações secundárias, inferiores, marginais. Em todas, meninas nasceram. Então, quase como regra, vai torcer para o time do pai. Há exceções, é verdade!

Contudo quando nós, meninos ou meninas, crescemos um pouco e entendemos algo da vida, a gente sente no lombo. E para isso não precisa ser menina, basta ser o filho “estranho”, o “quietão em seu canto”, que vai cotidianamente “decepcionando” seu pai. Para ele a língua cala, torna mudo o macho regozijador. “Filho meu não é viado!”. E se o for, que esteja longe dos holofotes dos amigos do futebol.

Na escola, particularmente nas aulas de Educação Física, basta um erro, um equívoco ou mesmo uma distração que algum insulto vem a galope. Inclusive do próprio professor (macho-alfa) de Educação Física. Com dez anos foram associar minha inabilidade com o futebol à uma necessidade de usar óculos para enxergar: “chuta a bola direito, quatro zóio”. E depois vieram outras nomeações pouco afá-

veis: “caolho”, “fundo de garrafa”, “cegueta”, “oclinho”, “vesguinho”, e uma infinidade de apelidos depreciativos.

A vida tem dessas coisas. As pessoas praticam violência verbal/física, e depois simplesmente se esquecem delas. Quem sofreu comigo as agressividades dos xingamentos foi minha mãe, que me defendia de tudo o que podia, às vezes, sem nem entender do que se tratava. Mães dispõem de uma linguagem pouco compreendida, mesmo com toda a tecnologia que se tem hoje à disposição. Elas falam, porém o mundo não as escuta adequadamente.

O engraçado (e talvez trágico disso tudo) não foi a coleção de adjetivos que qualificavam minha (in)habilidade ao jogar futebol, e sim o fato de que nunca ouvi um grito me sugerindo algo produtivo, como “agora dribla”, “isso, faz o passe”, “faz uma finta para a esquerda”, “recupera essa bola”, “cobra esse lateral”. Frases que seriam produtivas, que me ajudariam a entender mais a modalidade e a melhorar o que diziam ser meu “futebol ruim”.

A língua é viva, ela desfere ofensas, e vai decantando camadas de preconceitos contra a pessoa. E isso passa: de turma para turma, de estudante a estudante, de escola antiga à escola nova, de um para outro dentro da família. Muitas vezes nem as meninas perdoam. São cooptadas pela lascívia da facilidade de ofender em alternativa à ternura do se identificar – a tal empatia por vezes está ausente.

De fato, hoje sei que não é que eu não soubesse jogar futebol; nem que não tivesse condição física para correr, visto que tenho muita energia desde tenra idade. Mas eu sempre pensei no que estava rolando, nas jogadas, nos deslocamentos de meus amigos, nas demarcações das linhas. Nunca vi qualquer amigo meu que jogasse futebol se questionar o porquê eram àquelas dimensões e não outras, porquê uma linha e não duas, porquê àquele gol pequeno e não um maior, porquê mentir num lance polêmico que comprometia a própria equipe.

Para mim, as linhas do campo de jogo sempre foram enigmáticas, porque estavam delimitadas arbitrariamente. Com 11 anos de idade, época em que adquiri todos aqueles apelidos pouco carinhosos, eu tinha mais curiosidade em saber sobre os motivos das coisas e de suas explicações do que propriamente correr atrás da bola, atividade muito simples perto do que se passava dentro de minha cabeça juvenil naquele momento. Os meninos corriam atrás da bola e xingavam. Eu ficava

parado analisando seus comportamentos. Talvez eu soubesse mais sobre eles naquele instante do que eles acerca de si mesmos.

Uma querida professora de português da época tem um pouco de mérito nisso, digo, no incremento de minhas conexões neurais voltadas ao entendimento do esporte (e, de quebra, do futebol). Certa vez levou um texto bem complexo, com as posições e jogadas do futebol, para que a classe fizesse um trabalho. Enquanto os meninos detestaram falar sobre coisas que já sabiam, eu e as meninas estudamos aquilo tudo ferozmente, inclusive repetindo em voz alta nos recreios para mostrar aos meninos que “sabíamos” algo profundo daquele futebol que diziam conhecer na prática. Curiosa esta língua que brada: tanto quando xinga, como quando inferioriza outros com o saber adquirido.

Entretanto, se as meninas sempre eram “cartas fora do baralho” em meus tempos escolares em que professor de Educação Física (costumeiramente um homem com H maiúsculo) ostentava fama de ser galanteador das professoras dos anos iniciais, mostrando virilidade à flor da pele (quando coçava o saco e ajeitava seu pênis), os meninos não tão masculinos, como prescrevia os padrões brasileiros dos anos 1980, eram o alvo predileto do momento. A primeira vez em que uma língua me atingiu foi num jogo “pra valer”, entre as então quintas séries da escola. Ouvei um estridente grito em meu ouvido: “sai fora, viado, você não sabe jogar futebol!”.

Prezada leitora, prezado leitor: você sabe o peso do palavreado “viado” para uma criança de onze anos? Você tem noção do quanto isso pode ser estigmatizador e precocemente violento para meninos-homens em formação? Se você é brasileira ou brasileiro, imagino que tenha ideia de quanto este xingamento é pesado em nossa cultura. Se você se identificar como homem, tente se imaginar na situação de ouvir isso.

Naquele dia, um buraco temporal se abriu em minha vida. Parece que eu fui lançado à outra dimensão. Enquanto paralisei no meio da quadra, o jogo continuou, o professor riu, todos caçoaram, a torcida infante pirou, a diretora que via o jogo nem se moveu e o diretor vibrava com o prosseguimento das jogadas. Naquele abril de 1985, não apenas morreu Tancredo Neves, que ouvíamos falar por todos os la-

dos como o primeiro presidente não militar do país. Morri também como homem e mataram minhas chances de permanecer no futebol.

Além da troca de modalidade esportiva, pois então vieram o vôlei e as meninas, nasci “viado”, “gay”, “bichinha” e uma infinidade de outros xingamentos para o mundo escolar. O duro da língua quando nomeia é que ela não explica ao nomeado as consequências de sua então classificação. Fui taxonomizado como “bicha”, um macho inferior em formação, numa sociedade violentamente machista, sexista e homofóbica.

Nesse contexto, parece que a pecha recai sobre o indivíduo de modo definitivo e ele segue a vida aceitando aquilo, como se tivesse, deste modo, que encarnar a condição de inferiorizado imputada por outros. Foi o que ocorreu comigo: na escola e mesmo em outros lugares sociais, comecei a me aproximar das meninas e mulheres, que me davam suporte, mesmo sem querer. E dali fui percebendo que fazia alianças silenciosas, de dor e resistência, com iguais. No entanto, sofria longamente com assédios, acoessos, ou o que hoje chamam de *bullying*.

O caso mais paradigmático e perverso do mundo da macheza instituída foi Zé Roberto, um garoto que estudou comigo em parte do ensino fundamental I. Ele me batia, roubava meus lanches do recreio, minhas miniaturas de carrinhos de ferro e bradava ostensivamente em meus ouvidos. Suas agressões verbais me deixavam com medo e seus murros ou pontapés me machucavam. A vida nos separou quando ele foi transferido de escola e nunca mais o vi. No entanto, no meio da pandemia de coronavírus, quase 40 anos depois, quando as pessoas se isolaram e adoeceram por toda aquela situação vivida, eis que ele me reencontra no Facebook e propõe amizade.

Achei estranho tudo aquilo, mas, como a vida contemporânea não questiona muito, seguimos no “fluxo das conexões”, teclamos no chat interno, passamos para o *WhatsApp*, sempre com a desculpa dele de reencontrar antigos colegas de sala do passado. Não demorou muito para um assunto vir à tona: Zé Roberto reconheceu que durante seus anos de adolescência pensou em mim, em como eu teria me desenvolvido fisicamente e se eu teria acalentado algum sentimento afetivo por ele; imaginou um suposto sentimento de afeto entre nós. Hoje casado, pai de três fi-

lhos/as, além de estar no armário, disse que não poderia continuar vivendo sem se declarar a mim, um então “amor do passado”.

Perplexo, nada respondi. Não consegui, mesmo porque ele acionou em mim memórias ruins, de sofrimento que já estava enterrado e fossilizado em algum lugar. A língua não salva o que o corpo sentiu; nenhum afeto cresce num canteiro de violências. Zé Roberto que se resolva com o passado: “não sinto e nunca senti afeto por você!”, tecliei na última mensagem.

Ney Matogrosso regravou uma canção, “Homem com H”, de Antônio Barros, que naqueles tempos do ensino fundamental ainda tocava no rádio em que minha mãe ouvia trabalhando no açougue da família, e que de repente voltou em minha mente:

Nunca vi rastro de cobra,
 Nem couro de lobisomem,
 Se correr o bicho pega
 Se ficar o bicho come
 Porque eu sou é home'
 Porque eu sou é home'
 Menino eu sou é home'
 Menino eu sou é home'
 E como sou.¹

Para além do significado da letra, visto que na época eu não tinha condições de refletir a respeito, muito menos entender as pautas identitárias de homens gays, soava a mim que possivelmente o *status* de homem do cantor tenha sido questionado. E talvez a intenção de gravá-la fosse uma resposta sobre o quanto o cantor se considerava macho, “homem com h”, apesar de ofensas e xingamentos que provavelmente deve ter ouvido.

Eu, então nos idos da fatídica idade de 11 anos, me vi inevitavelmente numa corrida sem fim em busca de quem, de fato, eu era. Se corria, o bicho me pegaria. Se ficasse, o bicho me comeria. Na literalidade da língua, no contexto de vida de um pré-adolescente, não havia muito uma situação confortável. O “bicho” era meu pai. Por isso, nem bem tinha completado 17 anos, cai na estrada, correndo para longe o máximo possível dele e daquela cidade em que nascera.

¹ MATOGROSSO. Homem com H, 1981.

Paradoxalmente, sua masculinidade escrota, que assediava atendentes de comércios, que galanteava gerentes mulheres de bancos, que ajustava seu pênis dentro da calça em público ou que ostentava uma sexualidade exacerbada entre homens num churrasco, era a que eu sempre persegui. Inclusive quando recomecei a fazer esportes como jovem adulto.

Minha língua desejou percorrer seu corpo suado, sua bunda peluda, seu pênis de prepúcio alongado. Desejei currá-lo num cocho qualquer de um de seus sítios, onde ele alimentava suas vacas. Imaginei sua bunda aberta, com seu ânus reluzente e piscando, querendo meu pênis entumecido ali dentro.

Na verdade, quando o tesão bateu no auge de minha adolescência, desejei meus tios e todos os homens da família. Minha língua simbolicamente os lambia inteiros quando nos encontrávamos, particularmente um tio jogador de futebol de um dos clubes da cidade. Aquele torso, aqueles pelos, aquelas coxas roliças foram elementos que definiram o que sentia por homens e o que, num futuro sexualmente ativo, viria a buscar.

E, assim, eis que os xingamentos consolidaram em mim o ser que me tornei. Eu não conseguia ser ou fazer o que os garotos futebolistas faziam, não conseguia ser o homem que era meu pai, não atendia o que se esperava de mim como sujeito do sexo masculino. Mas me tornei um híbrido, de macho e gay, de gay-macho, de homem gay masculinizado, que ostentava uma ojeriza por mulheres super femininas, que negava outras bichas afeminadas e tinha aversão a pessoas travestis.

Na vida adulta me refugiei no esporte para pessoas com deficiência. Meu cuidado para com outros era o lado bom e afetivo de um ser que conseguia transpor toda a violência sofrida em ações positivas; porém, meu lado perverso mantinha um macho gay escroto escondido, que viria a acertar as contas contigo mesmo quando decidiu se enveredar pelos estudos de gênero.

O primeiro baque que levei foi numa palestra no primeiro ano de doutorado, nos idos de 2008. Falando sobre identidades de gênero e orientações sexuais para uma plateia de homens gays afeminados, mulheres lésbicas, pessoas *queer* e travestis, universalizei pronomes no masculino, fui misógino com o grupo lesbo e desfilei uma série de preconceitos escondidos em meu eu. “Alto, lá, viado! De que lugar você pensa que está falando?” – a voz de uma travesti cortou a sala e me atingiu a ca-

beça como uma bigorna. A língua ofende, a língua explica, a língua situa, uma hora a língua educa.

A cautela começou a se coadunar com minha língua e meus pronunciamentos no campo da pesquisa. Nas investigações sobre práticas esportivas e futebolísticas, uma pluralidade de identificações e modos afetivo-sexuais de ser na sociedade se fizeram presentes. Com as trans voleibolistas aprendi a relativizar o rendimento esportivo: podiam ser extremamente femininas, com unhas longas e afiadas, e mesmo assim ganhar de homens cis testosteronados no mano a mano.

Nas corridas de pista do atletismo entendi que corpos considerados “anormais”, como foram nomeados na mesa de inscrição para provas de corridas, também ganhavam medalhas. Eram atletas que desafiavam o binarismo categorial da competição. Diziam “não” à divisão masculino e feminino das provas. Podiam competir nos 400 metros com barreira feminino e no salto em altura masculino.

No diverso futebol gay, percebi que a língua ressignifica xingamentos do futebol hétero, recolocando-os para além da dicotomia. Dicotomia hétero/homossexual que é tardia, datada das discussões da área de estudos de gênero, particularmente nos Estados Unidos, na metade do século passado. Frases como: “vai, bicha, faz o gol”, “que chute arrasador foi esse, viado?”, “mete a bola no gol, delícia”, entre outras, são o revés, o contragolpe, a subversão linguística. Possivelmente impensáveis no contexto futebolístico heterossexual (de torcedores e atletas), elas são gritos efusivos de ordem no futebol entre homens gays, bissexuais e outros.

Aliás, uma dimensão que aparece aí é a do desejo em relação aos corpos que correm, suam, fazem gol e se abraçam. Jogadores, torcedores e expectadores deste futebol gay (nomeação que tem ganhado mais letras nos últimos tempos, tornando-se um difuso futebol LGBT) não se furtam de comentar jogadas e, inclusive, as qualidades dos corpos que as executam.

Esses futebóis explicitam o que o futebol hétero esconde; ressignificam práticas e recolocam em jogo o desejo homoerótico entre iguais, muitas vezes denegado no campo da macheza heterossexual. No limite, a linguagem futebolística no campo semântico da homossexualidade (e de outras orientações) escancara o que é escondido por trás dos xingamentos preconceituosos de boleiros héteros.

Gosto da língua audaciosa de Luiz Carlos Lacerda quando se refere ao mundo do futebol. Particularmente em seus poemas da série “No gramado”, como em “No campo”, que aborda sentimentos homoeróticos que circulam em uma partida de futebol:

sacode seu pau
na grama já molhada
de chuva
cospe como sempre
flagrado na fotografia

espalha, assim, suas sementes sobre bolas
e as bolas coçam
no roçar da cueca
coça-as

e a multidão delira, silenciosa.²

De fato, o futebol é uma língua global. Não só no que tange ao jogo, aos modos de torcer ou estilos de jogar, aos xingamentos proferidos dentro e fora das quatro linhas, globalizados pelos hemisférios. O futebol moderno, oriundo da sistematização britânica de fins do século XIX, é uma forma de comunicação universal que transcende a própria linguagem específica do futebol: ela tem a ver com uma economia do desejo que circula, entre héteros e homossexuais, bi ou assexuais, e por toda sorte de sujeitos sexualizados. Ela trata de futebol, mas também daquilo que o futebol em sua propalada “essência” não quer falar a respeito.

Independente das categorias classificatórias em circulação, a língua ou linguagem do futebol torna-se um elemento simbólico, a ser interpretado tanto em cada realidade local, como naquilo que a sintetiza sob espectro global.

Num mundo cada vez mais de certezas questionadas, inclusive sobre identidades de gênero imutáveis e orientações sexuais fixas, eu deixaria um aviso para os macho-alfas de plantão: “Ei, cuidado! No bate-bola da vida, a língua que me xinga é a mesma que um dia me chupa!”.

* * *

² LACERDA. *Reis de paus*, p. 18.

REFERÊNCIAS

LACERDA, Luiz Carlos. **Reis de paus** [poesia]. Recife: Mariposa Cartonera, 2017.

MATOGROSSO, Ney. Homem com H. Composição: Antônio Barros. **Ney Matogrosso**. Brasil, Ariola, faixa 5, 1981.

* * *

Recebido em: 05 nov. 2023.
Aprovado em: 23 mar. 2024.